

GRAFITES: LINGUAGENS E NARRATIVAS NAS PAREDES DE POMPEIA¹

Renata Senna Garraffoni²

RESUMO

O objetivo central desse artigo é discutir a diversidade de formas de escrita dos romanos, em especial as de caráter não oficial. Assim, em primeiro lugar discuto a Carta VIII de Plínio a Romano para comentar sobre a postura que se espera de um membro da elite ao ler os grafites rabiscados nas paredes. A seguir, a partir da discussão de aspectos da teoria social, procuro discutir com os grafites constituem um *corpus* importante para entender a diversidade de espaços de escrita. O hábito epigráfico dos romanos nos permite, portanto, leituras mais plurais das suas narrativas e do latim escrito não erudito.

Palavras-chave: grafites, Pompeia, espaços de escrita, hábito epigráfico.

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss the diversity of ways Roman people used to write narratives, mainly non-official ones. First, I will focus on Pliny's letter VIII to Romanus to argue how elite's members should read walls and the graffiti scratched on them. Then I will focus on social theory to highlight how Pompeii's graffiti can be an important *corpus* to understand the diversity of Roman written spaces. Romans' epigraphic habit allows us to think on more pluralist approaches to narratives and written Latin.

Keywords: Graffiti, Pompeii, written space, epigraphic habit.

¹ A presente conferência foi lida no Colóquio do CPA "Linguagens e Narrativas", ocorrido entre dias 8 e 10 de outubro de 2013. Ajustei na forma de artigo, mas optei por deixar o tom oral do texto por entender que se adéqua ao tipo de reflexão proposta.

² Dehis/UFPR.

INTRODUÇÃO

Meu interesse pelos grafites parietais de Pompeia iniciou-se ainda em tempos de graduação. Logo que ingressei no curso em 1993 soube que o professor Funari havia publicado *Cultura popular na Antiguidade Clássica* pela editora Contexto no final dos anos de 1980, além de vários artigos sobre o tema (Funari 1986; 1989; 1992). Nessa mesma disciplina, li, pela primeira vez, um romance escrito por um romano, o *Satyricon* de Petrônio (e traduzido Paulo Leminski). O que mais me chamou atenção, naquela ocasião, foi o fato de que os romanos do período do Império escreviam muito sobre vários temas e em diferentes lugares, algo que não temos contato no ensino escolar.

Além dessa descoberta que me encantou, na mesma ocasião fazia uma disciplina obrigatória para alunos ingressantes no curso, sobre Filosofia da História. Por coincidência, naquele ano a disciplina foi ministrada pelo professor Marcos Nobre e teve como tema Walter Benjamin e Charles Baudelaire. Comento isso, pois tenho certeza que essa chegada à Unicamp foi fundamental em minha formação e influenciou muitas das minhas escolhas daquele momento em diante: o gosto pela História Antiga eu já trazia da escola, mas juntar literatura, escrita, subversão e marginalidade era algo totalmente novo e me deixou muito intrigada, em especial quando descobri que Leminski se dedicou a traduzir o romance de Petrônio e Fellini de filmá-lo³. Foi muito envolvente perceber que, historicamente, a prática da escrita não era uniforme, poderia ser múltipla, fragmentada, contestar cânones e, no limite, fazer pensar e questionar valores no passado e presente.

Embora durante o curso eu tenha tido muitas oportunidades de entrar em contato com a Epigrafia e, assim, juntar dois temas que eu gostava muito, arqueologia e latim, acabei me dedicando a aprofundar essa relação

³Aqui me refiro ao filme *Satyricon* de Fellini de 1969.

somente no doutorado. Como eu tinha muita curiosidade em saber como as pessoas comuns entendiam as lutas de gladiadores, os grafitos de Pompeia sobre os combates passaram a ser um rico material para pensar os múltiplos olhares sobre o tema e, portanto, foi parte de um capítulo na tese (Garraffoni 2005: 166-195). Nessa ocasião eu estava mais interessada no conteúdo da inscrição, mas com o desdobrar da pesquisa, em especial depois da estada no Reino Unido em 2008⁴, percebi que o espaço em que estavam gravadas era também fundamental para pensar a relação dos romanos não só com a escrita, mas com a vida urbana (Garraffoni e Laurence 2013). O presente ensaio é, portanto, um balanço dessa pesquisa que venho realizando nos últimos anos, uma proposta de diálogo para pensarmos a importância dos grafitos de parede de Pompeia como forma de linguagem e narrativa que, embora fragmentada, nos desafia a entender o cotidiano das pessoas que por ali passaram e, de alguma forma, gravaram suas emoções e visões de mundo.

PLÍNIO, O JOVEM: ENTRE CARTAS E PAREDES

Início essa reflexão sobre narrativas a partir de uma carta de Plínio, o Jovem, um romano que sobreviveu a erupção do Vesúvio e nos deixou relatos sobre a tragédia. Sobrinho de Plínio, o Velho, teve uma carreira política proeminente, em especial na época de Trajano, tendo falecido provavelmente por volta de 110 d.C. Muito do que sabemos sobre sua carreira política é a partir das várias cartas que escreveu e que chegaram até nós. Melmoth (1915) afirma, na introdução a tradução de suas cartas publicadas pela Loeb, que seu estilo de escrita é variável, há desde mais literárias, comparáveis a

⁴ Nessa ocasião realizei pesquisa na Universidade de Birmingham, Reino Unido, sob supervisão de Ray Laurence, com bolsa da British Academy.

escrita de Cícero, até as mais curtas que lembram os epigramas de Marcial, mas todas seguem um princípio geral no qual a carta deveria versar sobre um único tema. Além dessas influências, percebe-se em algumas a poesia de Virgílio em outras os estilos de Quintiliano e Sêneca.

Retomo Plínio nesse contexto não somente por ser testemunha da destruição de Pompeia, mas também pelo fato de uma das suas cartas ser constantemente citada pelos estudiosos devido à menção que faz as inscrições de parede. Essa carta é, muitas vezes, considerada um testemunho do reconhecimento do hábito da escrita dos romanos em diferentes espaços, mas poucos se detiveram em analisar a passagem em seu contexto, algo que gostaria de explorar com mais vagar nessa ocasião. Na carta VIII a Romano, Plínio pergunta se este conhece a nascente do rio Clitumno, um lugar ao pé de uma pequena montanha, cercado por árvores e, conforme seu volume aumenta, se torna navegável, tanto para o transporte como pelo prazer de passear. Próximo a seu leito há um templo dedicado a Clitumno e uma ponte que separa a parte sagrada do uso cotidiano e das *uillae*. Plínio finaliza a descrição da beleza do lugar afirmando que as construções encontradas ao redor deixará a pessoa entretida: encontrará inúmeras inscrições feitas por muitas mãos pelas colunas e paredes, para celebrar a nascente ou ao deus. Por fim acrescenta ‘muitos louvarão, outros darão risadas; mas não, por tua educação (*humanitas*), de nada rirás’ (tradução da autora - *plura laudabis, non nulla ridebus; quamquam tu vero, quae tua humanitas, nulla ridebis* – Plínio, *Epis.* VIII, 7).

Do ponto de vista dos estudos acerca da escrita entre os romanos, o que é interessante na carta, a meu ver, não é só o fato de Plínio destacar as inscrições ao redor do templo, mas sim a postura que se espera de um

cidadão diante da leitura. Destaca a diversidade das inscrições, não esconde o humor, mas deixa claro que aquele que carrega a *humanitas* não deve rir de qualquer coisa. Ou seja, a leitura da carta me passa a impressão que Plínio enfatiza o comportamento ideal daquele que lê e não de quem escreve.

Humanitas é, sem dúvida, um conceito bastante discutido entre os estudiosos do mundo romano. Considerado no final do século XIX como a base da superioridade romana em oposição aos nativos bárbaros e comumente traduzida como civilização, a noção de *humanitas* tem sido repensada pelos classicistas nas últimas décadas. Hingley (2005), por exemplo, critica as apropriações nacionalistas e evolucionistas do termo, muito em voga no período imperial britânico, tendo permanecido nos jargões da academia e no senso comum. Segundo Hingley, o problema dessa concepção é que *humanitas* é entendida dentro de um contexto de progresso e, portanto, teleológico, atribuindo relações de poder assimétricas entre romanos (dominadores) e nativos (dominados). Essa relação binária e assimétrica impediria, na perspectiva apontada por Hingley (2005: 48), uma visão mais plural de identidade e cultura romana, negando a possibilidade dos nativos participassem da criação da nova ordem social que se deu a partir do contato.

Como então entender as palavras de Plínio a partir de uma perspectiva crítica à ideia de sobreposição de culturas? Acredito que para responder a essa questão de uma maneira menos normativa é interessante pensar a carta de Plínio como um discurso, escrito em latim, no qual predomina os pontos de vista da elite romana, ou seja, um texto que se atém, conforme comentado anteriormente, ao comportamento esperado de um cidadão diante dos grafitos e não simplesmente uma prova textual da sua existência ou do hábito dos romanos em escrever nas paredes. O que o texto de Plínio nos leva a

pensar, se adotarmos uma perspectiva mais fluida apontada por Hingley, que *humanitas* é um comportamento aristocrático e masculino que pode e deve ser aprendido pelo romano comum. Uma carta como essa, portanto, faria parte de uma estrutura mais ampla de poder que ajudaria a espalhar as ideias do que é 'ser romano' pelo Império e seu *ethos*. Hingley (2005: 69) considera que textos que constituem a *humanitas* são compostos por um sistema de valores que incluem linguagem, religião, viagem e educação e que se dirigem aos cidadãos de diferentes partes do Império.

Embora o foco de Hingley não sejam os grafites e nem a carta de Plínio, suas reflexões acerca de como os ideais das elites se espalham e chocam com os valores nativos ou de romanos das camadas populares é interessante na medida em que não prevê uma imposição do erudito para o popular tão comum na historiografia, mas percebe um espaço amplo de múltiplas possibilidades, dependendo de como se constrói a comunicação, inclusive a visual. Nesse sentido, pensar o que os romanos escreviam nos edifícios pode ser uma estratégia interessante para discutir a diversidade de perspectivas sobre a vida cotidiana no período imperial. Assim, se Plínio nos deixa uma carta que reconhece a presença de inúmeras inscrições em edifícios romanos e alerta sobre como um romano deveria se portar diante delas, é possível pensar que as reações poderiam ser imprevisíveis e pouco prudentes diante dos olhares aristocráticos. Esse é o máximo que podemos avançar a reflexão a partir da carta. De todas as formas um problema persiste: por meio da carta não sabemos o conteúdo das inscrições, razão essa que para conhecermos melhor seu potencial enquanto documento histórico é preciso olhar para as paredes que permaneceram e não somente aos textos eruditos.

É por essa razão que Pompeia se torna um sítio raro, afinal preservou, em suas paredes, uma grande quantidade dessas inscrições espontâneas que ainda hoje causam o riso ou espanto do passante. Passemos, então, a pensar sobre elas.

AS PAREDES DE POMPEIA

Estudar as camadas populares romanas não é um tema novo, está presente desde o século XIX, a questão é a partir de quais perspectivas esses estudos são feitos. Em grande medida seguem o padrão criticado por Hingley: camadas populares são entendidas como inferiores e, por isso, quase sempre são vistas a partir do prisma da maior ou menor adoção dos ideais romanos da elite. Em outras palavras, os estudiosos, durante muito tempo, focaram suas pesquisas naqueles que consideravam mais dignos, em geral, nos que de alguma forma reconheciam como continuadores dos valores romanos.

Há algumas raras exceções que valem a pena serem mencionadas. Abbott (1912), por exemplo, nos surpreende ao afirmar, em seu prefácio, que estudar a linguagem das pessoas comuns é fundamental, pois foram elas que carregaram os estandartes romanos pelo Império. Abbott define como pessoas comuns fazendeiros, mercadores, pedreiros, padeiros, ou seja, pessoas que supriram as necessidades do capital (1912: VII). É nessa mesma perspectiva que encontramos o livro de Tanzer, outra abordagem bastante peculiar. Publicado em 1939, é a única obra que conheço até o momento que defende, naquela época, a importância dos grafitas para uma visão mais ampla do cotidiano romano. O livro como um todo é uma publicação de divulgação dessas inscrições que apresenta com paixão as atividades de homens e mulheres ocupados em seus afazeres e se apoia em Rostovtzeff para tanto.

Tanzer comenta as mensagens desses romanos e romanas, auto-elogios, pensamentos amorosos, defende seus conhecimentos literários, uma vez que muitas inscrições fazem alusão a textos canônicos, comenta a presença das crianças a partir dos alfabetos e tentativas de declinação, entendidas pela autora como exercícios escolares. Mitologia, deuses, saudações, amizades, amores, gladiadores, corredores de biga, enfim, inscrições das mais diversas são, para Tanzer, extraordinárias por trazerem meios de conexão com as mentes dessas pessoas que viveram há tanto tempo.

Ressalto a especificidade de seu livro, pois Tanzer talvez seja pioneira em tentar entender esse universo dos grafites de maneira mais positiva, sem dar tanta atenção aos problemas gramaticais – em geral base para argumentos que os desprestigiam como documento como Cèbé (1969), por exemplo – mas em focar na sua maior especificidade: a diversidade de temas tratados. É exatamente essa questão que aparece nos estudos de Funari (1986; 1989; 1993; 2003): ao propor sua abordagem aos grafites décadas mais tarde, Funari não foca na questão dos erros gramaticais ou os entende com decadência do latim erudito, pelo contrário, ao estudá-los busca defender um *ethos* popular, uma forma de expressão própria, com visões de mundo e sentimentos particulares, enfim, uma escrita fragmentada que nos leva a pensar em um mundo múltiplo, para além dos textos canônicos.

Destaco essas publicações por duas razões especiais: primeiro porque atravessam o século XX e foram feitas em contextos históricos distintos – EUA na década de 1910, Inglaterra na década de 1930, Brasil final dos anos de 1980 e segundo porque em alguma medida os estudiosos dialogam com perspectivas marxistas e apontaram a relevância de buscar meios alternativos para entender o cotidiano das pessoas comuns. Estaríamos, portanto, diante de tentativas diversas, cada uma em seu contexto, de criticar

a ênfase nos estudos sobre a elite e destacar a importância de se construir modelos interpretativos menos homogêneos, que incluísse a diversidade de manifestações por meio da linguagem.

Acredito que essa é um aspecto fundamental para estudar os grafitos, sua forma de linguagem e as possíveis narrativas que possam criar. Ao nos depararmos com sua diversidade e falta de organização, uma vez que são, por definição, efêmeros e fragmentados, somos introduzidos ao mundo do acaso, das ironias, das piadas, dos afetos e dos desafetos, somos levados a pensar a relação das pessoas com a escrita, sua circulação nos espaços urbanos, suas visões de mundo e aflições, portanto, no limite, seus sentimentos e formas de encarar a vida. Os grafitos, em sua imediaticidade, com suas declinações incompletas, lembram-nos da fragilidade da vida, das suas descontinuidades, das suas agruras e alegrias, e, talvez, sua pulsão seja algo que provoque estranhamento aos classicistas que, por tradição desde o século XIX, focaram seus estudos nas permanências, nas continuidades, nos homens, nos soldados, nos conquistadores, esquecendo que muitos tinham medos, desejos, sonhos e aflições. Nesse sentido, ler essas mensagens é desafiador, em minha opinião, não só pelas dificuldades de leitura implícitas a esse *corpus* de documentação, mas também pelo fato que elas próprias nos obrigam a rever o que pensamos que é 'ser romano', introduzindo uma série de aspectos que, por décadas, estiveram fora das preocupações dos estudiosos. A grande questão, portanto, seria como pensar esses escritos, como encarar as histórias de vidas e os relatos que eles nos apresentam, como os transformar em documentos que nos permita aproximar dos romanos, romanas, nativos, escravos/as e libertos/as de uma maneira menos normativa e mais crítica dos preconceitos de raça, gênero e classe que moldam nossa visão de mundo e, conseqüentemente, nossa definição do passado.

OS CAMINHOS POSSÍVEIS

A partir dessa breve reflexão fica claro que minhas preocupações dialogam com esses estudiosos que, de alguma maneira, chamaram a atenção para a importância de se pensar a diversidade de experiências de vida e suas múltiplas formas de narrativas. Linguagem, escrita e devir são temas que me encantam devido a seu potencial transformador e aos desafios que nos proporcionam como intelectuais. Embora ainda haja pouca discussão teórica sobre os grafites como cultura material, é perceptível o aumento de interesse e, também, o lugar central de Pompeia, pois o sítio arqueológico permite o estudo de muitas das inscrições remanescentes *in loco*. Como Laurence e eu argumentamos em uma publicação recente já mencionada (Garraffoni e Laurence 2013), o encontro ocorrido na Universidade de Leicester em 2008 indica que os estudiosos definitivamente estão abandonando o foco nos erros gramaticais dos grafites para entendê-los dentro do contexto da vida cotidiana, da oralidade e das múltiplas percepções do latim. Nesse sentido, não há uma perspectiva fechada, mas alguns caminhos teórico-metodológicos para lidar com essa fluidez, particularidade essa que Keegan (2011) define como longevidade temporal das palavras de uma pessoa.

O caminho que sigo atualmente surgiu das preocupações teóricas apontadas e do diálogo com Laurence, na medida em que busco explorar a relação entre uma ação – ato de escrever – e do texto a ser lido. Já em 1997, Laurence chamava a atenção para a importância de se pensar o espaço não como algo neutro, mas como atravessado por processos sociais que moldados pela atividade humana (Laurence 1997: 8). Espaço pode ser entendido, portanto, como constitutivo da vida social e, tomando as casas pompeianas como objeto de estudo, nos provocava afirmando que a complexidade desse

objeto é que é culturalmente definido e aberto a múltiplos usos dos agentes individuais. Isso nos leva a pensar que, quando tratamos de espaço urbano, temos que estar atentos a estrutura romana da cidade e, também, aquilo que representa do ponto de vista das possibilidades de experiências de vida.

Nesse trabalho mais recente que realizamos juntamos, portanto, as duas abordagens: partimos da noção espacial dos grafites (onde foram escritos) e seu significado para pensar o cotidiano das pessoas comuns, muitas vezes marginalizados em seus contextos históricos e pela historiografia moderna. Esse diálogo foi interessante na medida em que conseguimos unir a experiência em pensar espaço, objeto de estudo de Laurence há décadas, e o estudo do conteúdo e estética das inscrições, perspectiva essa aberta por Funari no Brasil (Feitosa 2004; 2005; Feitosa e Garraffoni 2010). Assim, a partir da junção de uma perspectiva espacial e uma abordagem sócio-cultural, foi possível entender os grafites como um fenômeno material. Dos levantamos que fizemos até agora, cada vez fica mais claro que os grafites constituem uma forma de comunicação escrita, uma vez que podem ser modificados e respondidos, permitindo ampliar as relações dos romanos com o ato de escrever, uma vez que não mais estaria restrito a uma elite culta.

Por serem públicos, poderiam ser lidos de diferentes maneiras e, nesse sentido, se constituem como um artefato a ser estudado pelos arqueólogos. Avançando as reflexões a partir do contexto arqueológico, de uma maneira mais ampla, é possível pensar a pessoa que escrevia como alguém que atuava e fazia escolhas, que dominava um mínimo de latim para se fazer entendido. Para além disso, as inscrições dão visibilidade aos sujeitos que percorreram as ruas de Pompeia, ajudam a enxergar a presença de crianças em diferentes espaços públicos, expressam os sentimentos dos *infames* como os gladiadores e a visão das pessoas comuns sobre eles, nos fazem

pensar sobre identidades de pessoas que dificilmente poderiam ter deixado registros de sua vida se não fosse por esse meio.

Do ponto de vista da distribuição, encontram-se grafites em casas e edifícios públicos, nas colunas e nos átrios, nas paredes de dentro e fora dos estabelecimentos, de certa maneira, há um maior acúmulo em lugares de passagem, o que nos permite pensar no caráter público da relação entre escrita e leitura e sua inserção no contexto urbano. Embora efêmero e fragmentado, quando lidos pelos classistas hoje, a partir de uma perspectiva menos normativa e mais libertária, os grafites podem ser entendidos como um meio de comunicação e de construção de identidades variadas no espaço urbano antigo.

Todos os aspectos aqui destacados são, como comentei no início, parte de um trabalho em desenvolvimento que me desafia em vários sentidos: como arqueóloga, como historiadora e como estudiosa do latim. Entre idas e vindas, encontros imprevistos na biblioteca da *Roman Society Classical Studies* que me trouxeram às obras de Abbott e Tanzer, conversas com amigos/as e colegas, fui me aproximando de perspectivas teóricas que visam uma abordagem mais crítica e plural da Antiguidade Romana, bem como uma reflexão mais aprofundada sobre qual tipo de passado gostaria de escrever. Essas considerações são, portanto, parte de um processo, minha intenção de trazê-las a público foi de seguir com as conversas e pensar os possíveis deslocamentos, pois um Colóquio interdisciplinar como o do CPA é um fórum adequado para experimentar e fazer ajustes.

Assim, para finalizar, gostaria somente de retornar a carta de Plínio e expor uma contraposição que me desafia. Meu interesse em trazer a carta para essa discussão se deu por entender que ela se constitui um documento único para termos acesso a algumas instruções dadas aos jovens eruditos

sobre a leitura e como se portar diante das paredes. Por outro lado, os grafitos de Pompeia, em seu contexto material, na sua diversidade e múltiplos devires, nos apresentam as ações dos escritores. Essa contraposição de perspectivas sobre a relação das pessoas com a linguagem permite perceber os meandros da comunicação na antiguidade e, de certa forma, constituem as linhas de fuga tão caras a Guatarri e Deleuze (2000 – 1ª edição de 1980) abrindo caminho para novas abordagens. Nesse sentido, a carta de Plínio e os grafitos de Pompeia nos ajudam imaginar narrativas mais fluidas sobre o cotidiano romano, pois criam um espaço entre leitura e escrita pouco explorado, mas surpreendente.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Isabella Cardoso, Patrícia Prata, Pedro Paulo Funari e a toda a comissão organizadora do Colóquio do CPA “Linguagens e Narrativas”, ocorrido entre dias 8 e 10 de outubro de 2013, pelo convite para apresentar essas reflexões, resultado das pesquisas que venho desenvolvendo no Departamento de História da UFPR. Esse projeto é desdobramento da pesquisa de pós-doutorado realizada em Birmingham, Reino Unido, com bolsa da British Academy, nesse sentido, sou grata também ao apoio de Ray Laurence, atualmente na University of Kent.

Fontes literárias

Petrônio, 1987. *Satyricon*, tradução de Paulo Leminski, São Paulo: ed. Brasiliense.

Plínio, 1915. *Letters*, tradução de Willian Melmorth, Londres: Coleção Loeb.

Bibliografia moderna

Abbott, F.F. 1912. *The Common People of Ancient Rome – Studies of Roman life and literature*, Londres: George Routledge & Sons.

Cebe, J.P., 1969. *La caricature et la parodie dans le monde romain antique des origines à Juvenal*. Paris: De Boccard.

Deleuze, G. e Guatarri, F., 2000. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquiosofrenia*, São Paulo: Editora 34.

Feitosa, L. M. G. C. 2004. 'Amor y sexualidad en el universo popular pompeyano'. *Revista Habis*, Sevilla, v. 35, pp. 285-290.

Feitosa, L. M. G. C. 2005. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompeia*. São Paulo: Annablume - FAPESP.

Feitosa, L. M. G. C. e Garraffoni, R. S. 2010. 'Dignitas and infamia: rethinking marginalized masculinities in early Principate'. *Studia Historica Historia Antigua* 28, 57-73.

Funari, P.P.A. 1993. 'Graphic caricature and the ethos of ordinary people at Pompeii'. *Journal of European Archaeology* 1, (2), 133-150.

Funari, P.P.A. 2003. *A Vida cotidiana na Roma Antiga*, São Paulo: Editora Annablume.

Funari, P.P.A., 1986. "Cultura(s) dominante(s) e cultura(s) subalterna(s) em Pompéia: da vertical da cidade ao horizonte do possível" in: *Revista Brasileira de História*, 7, vol.13: 33-48.

Funari, P.P.A., 1989. *Cultura Popular na Antigüidade Clássica*, São Paulo: Editora Contexto.

- Funari, P.P.A., 1992. "Caricatura gráfica e o ethos popular em Pompéia", in: *Clássica*, suplemento 1: 117-137.
- Garraffoni, R. S. e Laurence, R. 2013. 'Writing in public space from child to Adult: The meaning of graffiti'. In: Sears, G.; Keegan, P.; Laurence, R.. (Org.). *Written Space in the Latin West, 200BC to AD300*. Londres: Bloomsbury, pp. 123-134.
- Garraffoni, R.S. 2005. *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*, São Paulo: Editora Annablume/ FAPESP.
- Hingley, R. 2005. *Globalizing Roman Culture - Unity, diversity and Empire*, Londres: Routledge.
- Keegan, P. 2011. "Blogging Pompeii: graffiti as speech-act and cultural discourse", in J.A. Baird and C. Taylor (eds) *Ancient Graffiti in Context*, London: 165-90.
- Laurence, R. 1997. "Space and Text" in: Laurence, R. & Wallace-Hadrill, A. *Domestic Space in the Roman world: Pompeii and beyond*, JRA Supplementary Series no. 22.
- Tanzer, H.H. 1939. *The Common people of Pompeii study of the Graffiti*, Baltimore: Johns Hopkins Press.

